

**INSTRUÇÃO DE TOMBAMENTO MUNICIPAL
PARA O MERCADO DOS PINHÕES**

APRESENTAÇÃO

Este trabalho consiste na análise histórica, arquitetônica e urbanística do Mercado dos Pinhões e do seu entorno imediato. Trata-se do estudo sistemático de sua configuração espacial, levando em conta também a sua relevância histórica no âmbito do contexto urbano fortalezense.

Realizado por equipe técnica conformada por profissionais e estudantes das áreas de Arquitetura e Urbanismo e História e viabilizado por um termo de cooperação técnica estabelecido entre a FUNCET – Prefeitura Municipal de Fortaleza, a 4ª SR / IPHAN e a Universidade Federal do Ceará, o trabalho tem por objetivo a sistematização de um conjunto de informações técnicas sobre o bem imóvel supracitado que venha a subsidiar o seu tombamento municipal, assim como a proposição das poligonais de preservação rigorosa e de entorno e, em linhas gerais, uma proposta de requalificação espacial da área.

SINOPSE HISTÓRICA

O Mercado dos Pinhões, localizado na Praça Marquês de Pelotas, bairro da Aldeota, funciona atualmente como ponto comercial de artesanato, de alimentos e para promoção de cursos, oficinas e apresentações culturais. Foi implantado no local no dia 12 de julho de 1938. Sua estrutura é em ferro fundido, remanescente de uma das partes do Mercado de Ferro construído em fevereiro de 1896 e inaugurado a 18 de abril de 1897, na área central de Fortaleza, melhor dizendo, na antiga Praça Carolina, que depois passou a se chamar Praça José de Alencar e, posteriormente, Praça Waldemar Falcão, a qual abriga ainda alguns edifícios de interesse cultural, tais como o Palácio do Comércio, a agência do Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. O Mercado de Ferro foi desmembrado em 1938 devido ao destaque que tivera o Mercado Central, a partir de 1932, e ao decreto nº 52 de 19 de dezembro de 1937 da Câmara Municipal, na gestão do Dr. Raimundo de Alencar Araripe, que autorizou o desmonte. A outra parte do Mercado de Ferro foi implantada em 20 de março de 1968 no bairro da Aerolândia, localizada na BR-116, nº 5431.

Os múltiplos dados que indiciam a identificação acerca do Mercado dos Pinhões, referidos acima, são um convite à historicidade. E tal empreitada significa mais que inseri-lo num contexto, no final do século XIX, segunda metade do século XX e/ou no período mais recente, em que se registra o afloramento de potencialidades sociais, comerciais, funcionais, urbanas e associações entre o poder público e privado.

Faz-se pertinente, portanto, percebermos o movimento dos tempos, dos grupos sociais, das forças que atuaram em cada uma dessas épocas históricas e compreender a contemporaneidade da ação patrimonial, elaborando, para tanto, uma interpretação através da plasticidade expressa nas características da construção física do Mercado de Ferro, ou seja, no uso inaugural do ferro em nossa cidade como elemento de edificação, estética, sociabilidade, disciplinamento e mobilidade, visto que, desse artefato foram produzidos outros dois: os mercados da Aerolândia e dos Pinhões.

Remeteremos aos termos constitutivos do Mercado de Ferro, Mercado da Carne ou Mercado Público de Fortaleza, como também era conhecido, para daí traçarmos um perfil do Mercado dos Pinhões, os laços de pertencimentos e as fronteiras sócio-culturais herdadas.

Desse modo, o Mercado de Ferro, obra erguida na administração do intendente (prefeito) Guilherme César da Rocha e do presidente (governador) comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, entre 1896-1897, realizada com dinheiro conseguido através de bilhetes de crédito conhecidos como “borós”, utilizou o ferro pela primeira vez, não só como instrumento de suporte, mas, como bela ornamentação fabricada na França, nas oficinas de Guillot Pelletier, em Orleans, planejada pelo engenheiro arquiteto Lefèvre, seguindo uma prática em voga na Europa. Simbolizou a tentativa de consolidar os preceitos da modernidade, salubridade e progresso em Fortaleza, no final do século XIX e no início do século XX, junto a outras normas impostas às demais edificações,

logradouros e praças existentes, como por exemplo, ao Passeio Público e à Santa Casa de Misericórdia¹.

Segundo artigo do jornal *A República*, o Mercado de Ferro, recém inaugurado, tornar-se-ia um marco na história da cidade de Fortaleza:

“(...) Nada há mais difícil do que idealizar-se monumentos públicos e executá-los em todos os seus detalhes; alliar o útil ao agradável a solidez com a economia a belleza architectural com as regras que nos ensina a hygiene pública, a comodidade com perfeita harmonia em todas as suas formas.(...) Situado em uma das mais bellas praças da Fortaleza é esta obra a mais bem acabada dentre todos os edificios quer públicos quer particulares desta cidade e em seu genero nenhum na A. do Sul e bem raros na Europa e nos Estados Unidos da A. Norte lhe levão a palma.”

O texto traz ainda informações detalhadas sobre a funcionabilidade do novo Mercado:

*“(...) Esta elle dividido em três grandes secções, uma das quaes a central, com largura de cinco metros sobre quarenta de comprimento serve de Avenida ou entrada geral e duas outras secções iguaes, cada uma medindo uma área equivalente a setecentos metros quadrados, onde estão assentes oito compartimentos de 13 metros de comprimentos sobre quatro de largura cada um, destinado ao comércio de carnes, peixes e miúdos, ficando todos elles separados entre si por grandes e espaçosas vias. (...) É todo o mercado construído de ferro, tendo a cobertura de zinco apoiada sobre quarenta e oito collunas internas, 32 das quaes são de forma architectonica a mais bella possível, afora 14 colunatas externas”.*²

O uso do ferro, o enquadramento do espaço comercial e, ainda, as calçadas em granito cearense, além de encher a comunidade local de orgulho e deslumbramento, fomentaram um processo de aceitação desse tipo de empreendimento por parte da população que comercializava e/ou consumia vários gêneros alimentícios e especiarias vendidas nas ruas ou em locais não autorizados, sem o aval da fiscalização pública, escapando das leis provinciais:

*“Secção 3º. Do Matadouro. Art.48º- Só no matadouro será permitida matar rez para o consumo publico, dentro de certos limites marcados pela camara. O infractor incorrerá na multa de 5\$00 reis. (...) Art. 58º- Os condutores das carroças serão obrigados a usar de vestimenta encarnada, e dar aos vehiculos uma marcha lenta, que de modo algum prejudique a qualidade da carne; e a trazel-a sempre em estado de completa limpeza.(...) Secção 2º. Vendas de diversos Gêneros. Art. 66º- O leite, fructas, legumes, hortaliças, doces, ovos, fumo e capim serão vendidos nos lugares designados annualmente pela camara, por editais, que se farão publico com a precisa antecedencia.”*³

¹ AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial; Banco do Nordeste, 2001, p.67, 68, 162 e 275.

² Jornal *A República* (1896-1912), Fortaleza-Ce, 19 de Abril de 1897.

³ Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel (BPMP) - Setor de Obras Raras. *Leis Provinciais de Fortaleza, 1879*.

Assim, o Mercado de Ferro representa o resultado de um conjunto de ações civilizatórias ligadas ao controle social, a reformas urbanas, a “espetacularização das mercadorias”⁴ e, conseqüentemente, a criação do desejo de consumo. Essas marcas, a princípio, foram repassadas, literal e concretamente, para as bases do Mercado dos Pinhões, que hoje se encontra em bom estado de conservação, sendo propriedade da Prefeitura de Fortaleza.

Entretanto, os feirantes, clientes, artistas e moradores do bairro da Aldeota e adjacências do “*Mercado das Artes*” adotaram também um cotidiano de trabalho, disputa, negociação e lazer, o que reforça a necessidade de uma atuação patrimonial enquanto política de inclusão social e pautada na memória do tempo presente.

⁴HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a Modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ANÁLISE DA ARQUITETURA E DA IMPLANTAÇÃO URBANA

O MOMENTO DO FERRO: A ARQUITETURA ECLÉTICA E A CONSTRUÇÃO METÁLICA

O atual Mercado dos Pinhões é um dos pavilhões componentes do antigo Mercado de Ferro de Fortaleza, exemplar destacado da arquitetura eclética e das primeiras construções metálicas levantadas no Brasil no final do século XIX.

Conforme CASTRO (1987, p. 211), “o ecletismo arquitetônico, cujas origens se fixam num desejo de conciliação de velhos estilos com inovações tecnológicas, representa no Brasil uma forma concreta de demonstrar adesão ao progresso e ajustamento às chamadas civilizações européias de maior prestígio”.

Analisando-se o contexto social, cultural e econômico de Fortaleza no período assinalado, vê-se que a influência do gosto francês na sociedade era tão significativo que alguns jovens criaram a Academia Francesa em 1872. As idéias de “modernização” haviam-se espalhado rapidamente entre as classes dirigentes e entre certos setores da intelectualidade, amparando um culto ao progresso, de corte positivista, destinado a colocar o Brasil no concerto das “nações civilizadas”. Dado o prestígio cultural francês, nada mais compreensível do que a adesão às novas propostas, todas procedentes de Paris, relativas à cidade e à arquitetura.

A valorização da cidade como vitrine da civilização, exigindo a modificação dos espaços urbanos, incentiva o surgimento de novas formas que permitissem o conforto ou que favorecessem a exibição das classes dirigentes. Seriam, portanto, fatos conseqüentes tanto a transposição dos costumes de uma Europa *belle époque* para os trópicos, como a importação e a incorporação da própria organização formal da arquitetura produzida à época, já de essência industrial.

A República recém-implantada é a grande força política que tinha como projeto substituir uma “*sociedade anacrônica*” por outra mais refinada, à qual deveria corresponder a modernização na aparência física do meio urbano.

Nessas circunstâncias, o ecletismo arquitetônico iria evidentemente encontrar aceitação ampla numa sociedade em franca mutação, na qual o capitalismo nacional começava a impor novas normas de ação, alterando as velhas relações com o mundo rural.

No Ceará, os anseios de renovação e de atualização seriam concretizados na medida do possível, por decorrência das visíveis limitações econômicas do Estado.

Obras como o edifício da Alfândega Nova (1891), com aparência pesada, toques de arquitetura vernacular britânica em pedra e construído com elementos metálicos; o quartel do Batalhão de Segurança (1893), ainda envolvido por reminiscências neogóticas; e a sede do Liceu do Ceará (1894), antecederam o Mercado de Ferro, construído em 1897. Para Guilherme Rocha,

então Prefeito de Fortaleza, o novo entreposto comercial era a “*prova documental de quanto merece o conceito universal de progresso*”.

O antigo Mercado da Carne, inaugurado em 18 de abril de 1897, era composto por dois pavilhões, com uma “*avenida*” coberta unindo-os. Situava-se na Praça Carolina, atual Praça Waldemar Falcão. Apresentava planta quadrada, tendo cada lado quarenta metros de comprimento e uma área de 1600m². Era dividido em três grandes secções; a central, com largura de 5 metros, que servia de avenida ou entrada geral, e duas outras alas iguais, cada uma com uma área de 700m², com oito compartimentos internos de 13 metros de comprimento e 4 de largura cada, que eram destinados ao comércio de carnes, peixes e miúdos, separados entre si por grandes e espaçosas vias. Esses compartimentos eram subdivididos em 8 cubículos cada um, sendo 74 o número de boxes. O mercado era todo em ferro fundido, com a sua cobertura apoiada sobre 48 colunas internas e 14 colunatas externas. O embasamento que circundava o edifício era formado por colunas de cantaria em mármore branco. O edifício tinha 8 entradas, 3 em cada uma das frentes e 2 nas laterais. Sua altura máxima era de 12 metros, tendo 6 pára-raios que o isolavam completamente. Possuía uma caixa d’água de 20 metros cúbicos do lado de fora do edifício. A estrutura e os adornos das fachadas (em sua maioria fitomórficos) eram em ferro fundido e os elementos de vedação em ferro laminado unidos e fixados, ora com parafusos, ora com rebites. Sua cor original era verde.

Em 1938 foi desmontado e teve um de seus pavilhões transferido para a Praça popularmente conhecida como dos Pinhões (oficialmente denominada Praça Visconde de Pelotas), onde permanece até os dias atuais. O outro pavilhão foi transferido para a Praça São Sebastião e, posteriormente, para o bairro da Aerolândia, às margens da BR-116.

IMPLANTAÇÃO DO MERCADO

O Mercado dos Pinhões, parte do antigo Mercado de Ferro de Fortaleza, situa-se na Praça Visconde de Pelotas, entre as ruas Nogueira Accioly e Gonçalves Ledo, com o seu eixo maior estabelecido na direção noroeste/sudeste.

Apresenta planta retangular com 40 metros de comprimento e 18 metros de largura, o que perfaz uma área total de 720m². Aberta, proporcionando ventilação e luz natural, a arquitetura do Mercado foi desenvolvida justamente para atender as necessidades do nosso clima.

Sua estrutura é inteiramente pré-fabricada em ferro fundido, composta de uma nave central e de duas naves laterais. Este arranjo é possibilitado pelo posicionamento de 16 colunas internas com 7,30 metros de altura e 28 colunas externas e perimetrais com 2,80 metros de altura.

O embasamento que circunda o edifício é formado por colunas de cantaria em mármore branco.

A estrutura horizontal transversal é conformada por tesouras semi-elípticas de ferro laminado, aparafusadas às colunas. A cobertura é em chapas metálicas onduladas e galvanizadas.

As vedações inferiores e os portões são de grades executadas em ferro doce com perfis de secção circular, circundando todo o edifício. As vedações superiores laterais constituem-se também em uma solução estrutural.

As aberturas das fachadas são guarnecidas por grades de ferro em quase toda a sua altura.

ENTORNO

No entorno do imóvel há uma série de equipamentos e serviços (com destaque para restaurantes e bares) que dão suporte às atividades de aglomeração do mercado. À volta deste, há ainda edificações com arquitetura de interesse, não só pelo seu caráter popular como também por comporem a moldura do edifício, devendo portanto ser preservadas, bem como a escala que conformam.

Na vizinhança imediata do mercado registra-se um processo de verticalização (presença de edifícios de até quatro pavimentos), danoso à valorização do imóvel a ser protegido. Outros fatores que contribuem para a sua desvalorização são a posteação e a sinalização comercial, ambas excessivas, além da pichação, presente principalmente nas fachadas dos edifícios localizados a leste.

Outro aspecto importante observado é a existência de um grande terreno subutilizado existente do lado norte do imóvel, anteriormente ocupado por um supermercado do grupo Pão de Açúcar, o qual poderia ser utilizado como extensão do Mercado.

ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL

PISO

O piso, em boas condições de uso, é composto por duas padronagens de mosaicos cerâmicos, uma anti-derrapante e outra lisa (original), com a mesma dimensão, 13,5 x 13,5 cm de lado e espessura de 3,5 cm, na cor bege claro, implantadas sobre piso morto de pedras poliédricas. As peças originais são de origem francesa. No local onde havia uma caixa d'água de concreto, demolida na época do restauro, foi implantado piso de granito cinza levigado e sem brilho, mesmo material utilizado para revestir as plataformas e a área central do edifício. O piso externo é em cimentado esponjado e as soleiras em peças robustas de pedra portuguesa.

ESTRUTURA

Composta de uma nave central e duas naves laterais; 16 colunas internas em ferro fundido com aproximadamente 7,30 metros de altura e 28 colunas exteriores e perimetrais de aproximadamente 2,80 metros de altura do mesmo material. A estrutura horizontal transversal é conformada por tesouras semi-elípticas de ferro laminado, aparafusadas às colunas. O conjunto de cada linha estrutural é composto por quatro dessas tesouras que formam um pórtico. A estrutura horizontal longitudinal de contraventamento do edifício é composta por vigas retas, construída à semelhança das tesouras e se encontram nas fachadas laterais.

Tanto os pilares, quanto o vigamento, os pórticos, os panos de fechamento dos frontões e as venezianas apresentam diversos pontos comprometidos pela corrosão, carecendo de urgentes serviços de conservação.

FECHAMENTOS E ELEMENTOS DECORATIVOS

As vedações inferiores e os portões são em grades executadas com perfis em ferro de secção circular e circundam todo o edifício. Segundo CAPELO FILHO (2003, p. 48), *“as vedações superiores laterais são formadas por duas linhas de vigas/vitrais comondo com uma estrutura que fixa as venezianas de madeira que estão feitas de perfis “T” e cantoneiras de 2” x 2” onde em sua superfície estão fixados a 45° perfis em “U” que recebem as venezianas de madeira de 1,0 x 8,0 cm”*.

Os muros precisam ser repintados, com destaque para os mourões em pedra dos maciços de vedação em alvenaria. Foi constatado ainda que os gradis apresentam vários pontos de corrosão e que os portões encontram-se quebrados, com problemas de fechamento. Os vidros coloridos se encontram em bom estado; porém, com o tempo, podem começar a trincar e quebrar devido à ferrugem na estrutura à sua volta. Outro problema detectado foi a má fixação de algumas peças decorativas, como é o caso das existentes nos frontões das fachadas leste e oeste.

INSTALAÇÕES

Apesar do piso interno do Mercado se encontrar em boas condições de uso, há problemas de entupimento nas calhas de águas servidas que estão localizadas na borda interna e perimetral ao edifício. Há problemas de conservação também nas tampas dessas calhas, pois as mesmas estão rompidas e esburacadas em vários pontos.

A fiação elétrica encontra-se exposta, sem nenhum tipo de proteção e com diversas gambiarras, colocando em risco a integridade do edifício.

O projeto luminotécnico implantado no Mercado é inadequado por interferir na leitura do espaço interno da edificação. A solução ideal seria colocar refletores apontados para o teto, utilizando a cobertura como superfície refletora.

Outro problema constatado diz respeito à má solução das quedas de água pluvial, executadas com tubos de PVC pintados na cor dos fechamentos e completamente destoantes do conjunto.

O Mercado não possui instalações telefônicas nem instalações hidrosanitárias que atendam seus usuários. Os banheiros existentes em seu anexo cumprem precariamente esta função atualmente.

COBERTA

É em chapas metálicas onduladas e galvanizadas, observando-se goteiras em diversos panos.

As calhas externas no geral estão destruídas, furadas em vários pontos, ocasionando goteiras e contribuindo assim para a degradação do imóvel.

USOS

Registra-se a subutilização do mercado, já que o mesmo poderia abrigar outras atividades que atendessem outras necessidades, principalmente aquelas demandadas pela população local.

Quanto aos usos já existentes, durante a semana, o mercado abriga uns poucos artesãos que expõem e vendem objetos nos boxes. Sexta-feira é um dia especial pela ocorrência da feira livre durante todo o dia nas áreas externas do mercado, quando também, no período noturno, realiza-se espetáculos de música popular com grande afluência de público. A insuficiência de infraestrutura e de equipamentos de apoio (estacionamento) concorrem para que essas atividades se dêem de forma precária.

NOTAS SOBRE O ÚLTIMO RESTAURO EXECUTADO NO IMÓVEL

O Mercado dos Pinhões foi recentemente restaurado com recursos provenientes de um convênio realizado entre a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR e a Prefeitura Municipal de Fortaleza sob a responsabilidade da Secretaria Executiva Regional II, com as obras concluídas em dezembro de 1998.

O piso original, ladrilho hidráulico na cor bege e em duas padronagens diferentes, encontrado em grande parte do interior do edifício, foi preservado quase que completamente. No local onde havia uma caixa d'água de concreto, utilizou-se outro material de revestimento (granito cinza levigado e sem brilho).

Antes do restauro, a cobertura era em fibrocimento. O estado geral da estrutura em ferro foi considerado bom, não apresentando grandes lesões. Providenciou-se uma limpeza dos elementos oxidados, a remoção dos resíduos de pintura, a substituição de elementos, a reposição das partes desaparecidas com o tempo, a proteção destas com pintura antioxidante e a pintura do imóvel com tinta automotiva em sua cor original.

O arquiteto José Capelo Filho, autor do projeto de restauro, afirma em seu livro *“Mercado de Ferro: Notas sobre a Restauração do Mercado dos Pinhões”*, à página 41, que, na operação, *“as calhas coletoras de águas pluviais foram completamente substituídas por novas executadas com chapas galvanizadas ‘14’, obedecendo o desenho racional do edifício”*; entretanto, o que se observa atualmente são calhas de PVC pintadas na cor do edifício, em péssimo estado de conservação.

Há ainda a informação de que *“a meta final será a montagem dos dois pavilhões como estavam montados originalmente e, para tanto, a calha da fachada norte foi preparada para receber o módulo de união”*.

A estrutura passou por pequenos ajustes, sendo concluídos os trabalhos de restauro com a limpeza das capas de oxidação por processos mecânicos, com imediata proteção com primer anti-oxidante e pintura automotiva de alta resistência.

Não foram solucionadas a contento as instalações elétricas e o projeto luminotécnico. Registra-se um sem-número de gambiarras no interior da edificação para a alimentação dos boxes bem como a implantação infeliz das luminárias, prejudicando a apreensão do belo espaço interno do edifício.

Por fim, o principal problema não foi resolvido pela intervenção reparadora: a indefinição de uso para o imóvel, que se apresenta subutilizado, mostrando-se vazio e destituído de atividades durante a maior parte da semana.

RECOMENDAÇÕES

Com base nas observações feitas, recomenda-se o que segue para a valorização do imóvel:

- A definição de um tipo de uso útil à sociedade fortalezense, mantendo-se e fortalecendo-se a função comercial existente ou adaptando o imóvel a um novo uso. Dever-se-á atentar para que esse novo uso seja implantado sem que o mesmo provoque substanciais transformações no espaço interno do edifício a fim de não descaracterizá-lo;
- A execução urgente de serviços de conservação na estrutura metálica, na cobertura e nos fechamentos, cujas peças deverão passar por processos de raspagem mecânica, proteção com selador e repintura;
- A implantação segura e adequada das instalações elétricas e hídrosanitárias, para que não representem mais perigo e nem comprometam a configuração do edifício como um todo;
- A desobstrução das calhas de drenagem e a substituição das que se encontram comprometidas;
- A implantação de um novo projeto luminotécnico que valorize o imóvel interna e externamente, como por exemplo, a colocação de refletores apontados para o teto, utilizando a cobertura como superfície refletora, e de refletores nos pisos externos posicionados junto aos arranques da estrutura para valorização desta;
- A elaboração de solução adequada para as quedas de águas pluviais, dotada de funcionalidade e respeitosa quanto à leitura da arquitetura do edifício como um todo;
- Quanto ao entorno do edifício, produzir determinações técnicas e legais relativas a definição de gabarito máximo, modelo de ocupação do lote, usos permitidos, materiais de revestimento, sinalização comercial e pública, dentre outros, para a valorização da moldura edificada e do imóvel tombado;
- A reflexão sobre a possibilidade e a viabilidade de junção dos dois mercados, considerando os seus atuais estados de conservação, a dificuldade de desmontagem, transporte e montagem dos mesmos em outro local, as suas condições de marcos dos bairros em que se situam e as opiniões das comunidades residentes nestes locais relativas à perda dos dois equipamentos.

**JUSTIFICATIVA DO TOMBAMENTO
MUNICIPAL PARA O IMÓVEL**

As motivações que levam à proposta de tombamento para o imóvel dizem respeito a valores históricos, arquitetônicos, culturais e simbólicos que o mesmo detém no âmbito da cidade de Fortaleza.

O Mercado de Ferro foi edificado inicialmente na Praça Carolina – atualmente chamada de Praça Waldemar Falcão – no bairro Centro, e inaugurado em abril de 1897. Em 1938 foi desmontado e teve um de seus pavilhões transferido para a Praça São Sebastião e, posteriormente, para o bairro da Aerolândia, às margens da BR-116. O outro pavilhão, a que se refere o presente documento, foi transferido para a Praça popularmente conhecida como dos Pinhões (oficialmente denominada Praça Visconde de Pelotas), onde permanece até os dias atuais.

O valor histórico se encontra no fato deste imóvel, quando íntegro, ter demarcado o início do processo de desenvolvimento da construção metálica em nossa cidade, no final do século XIX. No dizer de GOMES (1988, p.171), *“mais um exemplar de mercado aberto, constitui-se também em um valioso testemunho da portabilidade da arquitetura do ferro. Originalmente montado em frente ao edifício da Assembléia, seguia o partido adotado no Mercado de São José do Recife, ou seja, dois pavilhões iguais, paralelos, ligados entre si, longitudinalmente, por uma rua coberta, mais estreita”*. Mais esclarecedor ainda, CASTRO (1987, p. 218) afirma: *“o mercado, constituído por dois pavilhões ligados por uma “avenida coberta”, fora resolvido com uma elegante estrutura metálica. Fabricado na França por Guillot Pelletier, de Orleans, de acordo com o projeto do arquiteto Lefèvre, era exageradamente tido na cidade como “o mais bello e talvez o mais confortável da América do Sul”*.

Nessa época, o florescimento da ciência e da tecnologia gerado pela revolução industrial levou à modernização de determinados setores das cidades brasileiras, dando início ao período conhecido por *Belle Epoque*. Essa modernização, de corte positivista, se expressava, em muitas ocasiões, através da importação de novas tecnologias da Europa, dentre as quais as estruturas metálicas pré-fabricadas. Remonta a esse período, por exemplo, o Teatro José de Alencar, de inquestionável valor histórico e estético. Contudo, foi o Mercado de Ferro a primeira obra pública da cidade a adotar esse sistema construtivo. Sua estrutura metálica, que foi inteiramente pré-fabricada em ferro fundido, trouxe significativas inovações estéticas e simbolizou um grande marco do desenvolvimento social, econômico, político e urbano de Fortaleza à época. Como testemunho, CASTRO (1987, p.218) informa que *“o último quartel do século XIX constituiu, por certo, o período mais rico do passado fortalezense, principalmente em termos de solidariedade social e de efervescência intelectual”*.

Além disso, a implantação do mercado na cidade fazia parte do contexto de difusão da arquitetura de ferro em todo o mundo, quando os fabricantes europeus não a adotavam apenas em edifícios públicos na própria Europa, mas também em construções nas suas colônias da África, Índia e ilhas do Caribe e em países como o Brasil. Nesse momento, foram também construídos vários outros mercados em nosso país, como aqueles ainda existentes nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e

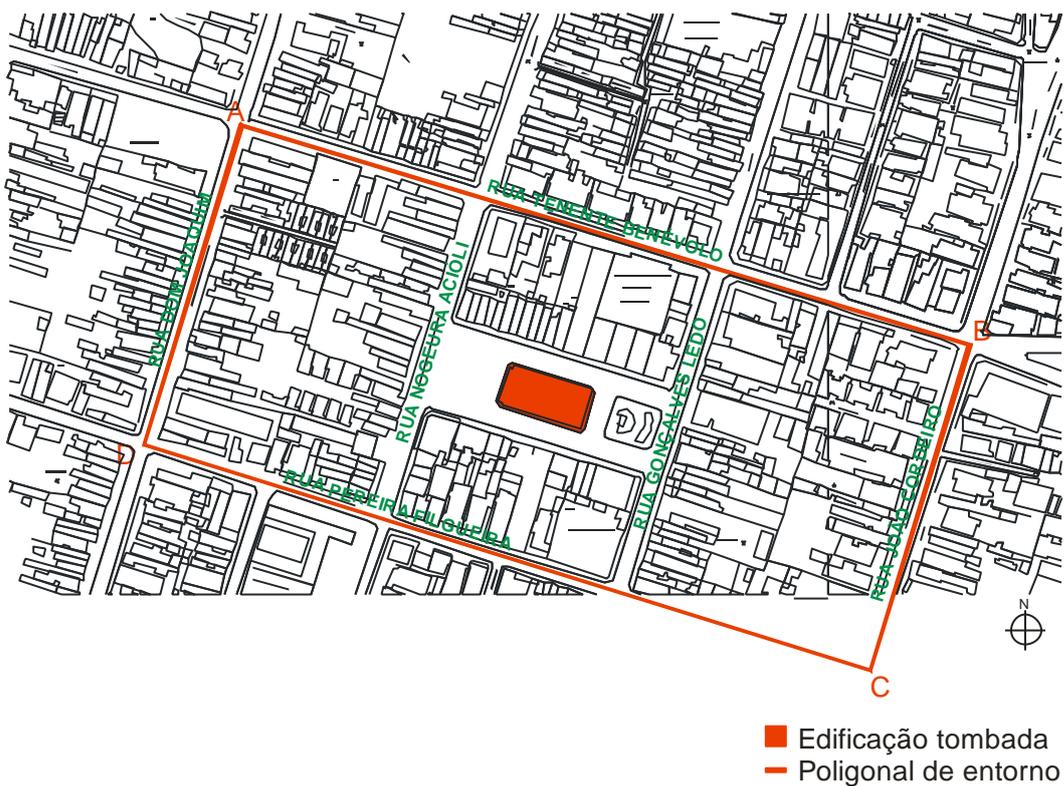
Amazonas, dentre os quais apenas o Mercado de São José de Recife e o Mercado de Ferro, em Fortaleza, são de fabricação francesa, sendo os demais de origem inglesa.

O valor arquitetônico do imóvel decorre da sua relevância face aos contextos nacional e internacional, além da dimensão estética resultante da aplicação da nova tecnologia para resolução do novo programa. O sistema construtivo inovador proporcionava a soma das possibilidades da arquitetura em ferro aos valores do ecletismo então dominantes, muito devido à facilidade de criação de ornamentos com ferro fundido, possibilitando posteriormente o amplo desenvolvimento do *Art-Nouveau*. Segundo CAPELO FILHO (2003, p.16), *“o edifício era composto de dois pavilhões unidos lateralmente por uma passagem coberta chamada ‘avenida’, com a estrutura e os adornos das fachadas em ferro fundido e com elementos de vedação (...) em ferro laminado (...), compondo um conjunto representativo da mais fina serrilharia”*.

Na ocasião do desmembramento do Mercado de Ferro, o pavilhão levado para a Praça Visconde de Pelotas determinou o desenvolvimento da paisagem urbana local. Com o passar dos anos, adquiriu significados culturais, simbólicos e afetivos, todos motivadores do tombamento municipal do imóvel. Uma vez que há muito se tornou um verdadeiro marco do bairro onde está instalado, verdadeiro partícipe e definidor do contexto urbano à sua volta, impõe respeito à sua arquitetura adquirindo forte visibilidade, predicados estes que estão acima de meras considerações técnicas e que referendam vivamente a sua proteção pelo Município.

DEFINIÇÃO DA ÁREA DE ENTORNO DO BEM TOMBADO

A poligonal de entorno do Mercado dos Pinhões se inicia no ponto **A**, definido pelo cruzamento das ruas Dom Joaquim e Tenente Benévolo. Segue por esta a leste até o ponto **B**, definido pelo cruzamento das ruas Tenente Benévolo e João Cordeiro. Segue por esta a sul até o ponto **C**, definido pelo cruzamento das ruas João Cordeiro e Pereira Filgueiras. Segue por esta a oeste até o ponto **D**, definido pelo cruzamento das ruas Pereira Filgueiras e Dom Joaquim. Por fim, segue por esta a norte até encontrar o ponto **A**.



LEVANTAMENTO GRÁFICO DO IMÓVEL

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO IMÓVEL

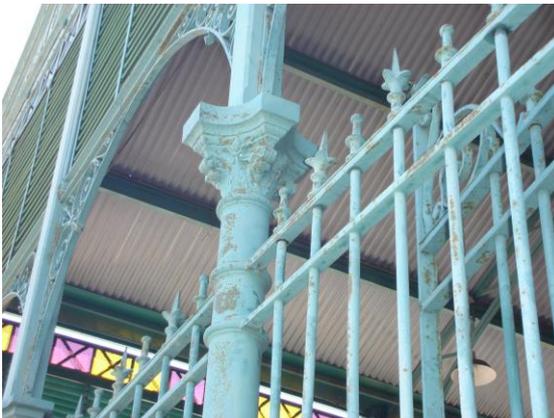
ENTORNO IMEDIATO DO MERCADO





INTERIOR E EXTERIOR DO MERCADO









BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial; Banco do Nordeste, 2001.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Fortaleza, ontem e hoje*. Fortaleza: PMF, Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.
- CAPELO FILHO, José. *Mercado de Ferro: Notas sobre a Restauração do Mercado dos Pinhões*. Fortaleza: Oficina de Projetos S/C Ltda, Junho/2003.
- CASTRO, José Liberal de. Arquitetura Eclética no Ceará, in *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. AnnaTeresa Fabris, org. São Paulo: Nobel Edusp, 1987.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 1985.
- HARDMANN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a Modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LEITÃO, Cláudia Souza. *Memória da Construção Civil no Ceará*. Fortaleza: Sindicato da Construção Civil, 2002.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque. Reformas Urbanas e Controle Social. 1860-1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.
- SOUZA, Simone de. *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.

FONTES

Arquivo Jornal O Povo

Jornal O Povo, Fortaleza-Ce, 24/01/1997.

Jornal O Povo, Fortaleza-Ce, 12/12/1987.

Jornal O Povo, Fortaleza-Ce, 24/08/1989.

Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel

- Setor de Periódicos e Microfilmes

Jornal *A República* (1896-1912), Fortaleza-Ce, 19 de Abril de 1897.
Jornal *Tribuna do Ceará*, Fortaleza-Ce, 05/10/1988.
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 04/04/1997.
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 07/05/2000.
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 28/01/2001.
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza-Ce, 02/06/2003.

-Setor de Obras Raras

Leis Provinciais de Fortaleza, 1879.

Instituto do Ceará

NOGUEIRA, João. "Cidade de Fortaleza". *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, Tomo 56, p.147-152, 1942.

CASTRO, José Liberal de. "Arquitetura do Ferro no Ceará". *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, p.63-94, 1992.

FICHA TÉCNICA

**Cooperação Técnica Prefeitura Municipal de Fortaleza / 4ª SR/IPHAN /
Universidade Federal do Ceará**

Inventário da arquitetura de interesse de preservação de Fortaleza

Coordenação

Profª Dra. Ivone Cordeiro – FUNCET/PMF
Profª Arqta. Ms. Margarida Andrade – Pesquisadora bolsista - CAU UFC
Profª Dra. Meize Lucas - Pesquisadora bolsista - CHUFC
Historiadora Ms. Ana Carla Sabino Fernandes – Pesquisadora bolsista
Arqta. Ms. Beatriz Helena Diógenes – Pesquisadora bolsista

Consultoria

Prof. Arq. Ms. Romeu Duarte Junior – 4ª SR/IPHAN

Estagiários

Frederico Teixeira (CAU UFC)
Gerson Amaral (CAU UFC)
Lara de Alencar Fernandes (CAU UFC)
Lara Silva Lima (CAU UFC)
Marília Monteiro (CAU UFC)
Marina Lima Medeiros (CAU UFC)
Natália Silva Matos (CAU UFC)
Ramiro Teles (CAU UFC)
Vitor Batista (CAU UFC)
Flávia Regina Oliveira Ramos (CHUFC)
Jorge Henrique Maia Sampaio (CHUFC)
Sara Braga Brígido Bezerra (CHUFC)

Equipe responsável pela elaboração da instrução de tombamento:

Coordenação: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior / Hist. Ms. Ana Carla Sabino Fernandes
Textos: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior / Estagiários: Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos
Pesquisa histórica: Hist. Ms. Ana Carla Sabino Fernandes / Estagiários: Flávia Regina Oliveira Ramos, Jorge Henrique Maia Sampaio e Sara Braga Brígido Bezerra
Fotografias: Natália Matos
Levantamento Gráfico / Desenhos / Revisão: Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos
Diagramação: Lara Fernandes, Marília Monteiro e Natália Matos
Revisão: Profº Arq. Ms. Romeu Duarte Junior

